



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# O lugar do Brasil no Sistema-Mundo em conjuntura de crise mundial

Rosângela de Lima Vieira

**Como citar:** VIEIRA, R. L. O lugar do Brasil no Sistema-Mundo em conjuntura de crise mundial. IN: CAMARGO, J. M. CORSI, F. L. VIEIRA, R. L (org). **Crise do Capitalismo: questões internacionais e nacionais.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.p77-89. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-188-1.p77-89>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# O LUGAR DO BRASIL NO SISTEMA-MUNDO EM CONJUNTURA DE CRISE MUNDIAL<sup>1</sup>

*Rosângela de Lima Vieira<sup>2</sup>*

A mais recente crise econômica mundial (2008-9) permanece nas manchetes diárias há mais de dois anos, sobretudo por seus desdobramentos ainda ocorrerem. A cada momento revezam-se as notícias de países que ‘quebraram’; de empresas – consideradas líderes em suas áreas – sob o risco de fecharem se não receberem socorro; e de manifestações mais ou menos violentas de cidadãos que não aceitam pagar a conta da crise. Com a quebra do Lehman Brothers, start de uma crise ampla, longa e profunda no mundo, evidenciou-se o que muitos supunham: o capitalismo, sobretudo o financeiro, não pode crescer infinitamente. O colapso atingiu o mundo todo, mais aguda ou cronicamente alcançou a todos. São muitas as variáveis que fizeram com que o choque fosse maior ou menor, neste ou naquele setor.

O presente artigo tem como objetivo mostrar que a abordagem denominada “Economia Política do Sistema mundo” oferece subsídios para uma interpretação sistêmica do capitalismo. Nesta perspectiva, finalizaremos com a construção de uma hipótese sobre as consequências mais brandas no Brasil da crise econômica mundial.

Iniciamos com o processo de construção da visão sistêmica da economia mundial. Esta abordagem criada por Fernand Braudel, Immanuel Wallerstein e Giovanni Arrighi, estuda o capitalismo desde os primórdios mercantis, ou seja, na longa duração dos últimos cinco séculos. A análise como resultado de pesquisa histórica é o segundo postulado. O terceiro se evidencia ao reunirmos as sínteses inovadoras dos

<sup>1</sup> Texto apresentado no X Fórum de Análise de Conjuntura, realizado pelo Grupo de Pesquisa “Estudos da Globalização” na Faculdade de Filosofia e Ciências / UNESP – campus de Marília/SP, no período de 20 a 22 de setembro de 2010.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da FFC/UNESP – campus de Marília/SP.

três autores: de Braudel o conceito de economia-mundo, de Wallerstein o de sistema-mundo e de Arrighi os ciclos sistêmicos de acumulação de capital.

O historiador francês Fernand Braudel (1902-1985) demonstrou, em sua extensa e inovadora obra, a formação histórica do capitalismo. As múltiplas inovações empreendidas por Braudel são de dois campos distintos, porém não excludentes: o primeiro, no campo historiográfico ou da metodologia e teoria da história; já o segundo decorre de suas inovações metodológicas que resultaram em novos conhecimentos acerca do período estudado, em especial sobre o capitalismo.

A concepção de historiografia de Braudel tem em sua base uma postura metodológica empirista, sem modelos *a priori*, que realiza ilações seguindo os indicativos das próprias fontes. Os principais elementos constitutivos do método historiográfico de Fernand Braudel são: um peculiar tratamento das fontes de pesquisa, ampliando o próprio conceito de fontes; o método comparativo para empreender uma análise histórica que alcançasse a cientificidade possível e que ao mesmo tempo abandonasse os pressupostos positivistas; a concepção de múltiplas temporalidades que nos demonstrou o tempo como um instrumento de observação para o historiador; e a narrativa como elemento determinante das diferentes temporalidades e também da configuração de sua história eminentemente explicativa

Dentre as inovações braudelianas no campo historiográfico, o marco de sua produção e originalidade consiste em sua concepção de diferentes temporalidades. Além de conceber o tempo como necessariamente plural e próprio a cada fenômeno estudado, Braudel elaborou uma ótica tripartite para a análise histórica que apresenta três cortes temporais: a curta duração – identificada com o tempo humano, de mudanças superficiais; a média duração – que se caracteriza pela duração de uma conjuntura; e a longa duração – período multissecular necessário para mudanças profundas e para a formação de novas estruturas.

Para ele, a noção de tempo está associada a ritmo, velocidade, mudança e não-mudança. A análise da longa duração é fundamental, pois “as verdadeiras mudanças, as que durarão, jamais se improvisam de um dia para o outro. A história profunda anda em marcha lenta; ela se situa forçosamente sob o signo da paciência” (BRAUDEL, 1992, p. 343). Assim as análises históricas devem buscar a dialética do espaço e do tempo em sua pluralidade.

Braudel também trouxe inovações metodológicas importantes para o ofício do historiador que lhe permitiram uma leitura da formação histórica do capitalismo. Seus estudos, preponderantemente do século XV ao XVIII, analisam o capitalismo desde sua gênese comercial, e o levaram a caracterizá-lo como monopolista, adaptativo e livre para escolhas mais lucrativas desde os seus primórdios. Ele destaca também as várias esferas de atuação – circulação, produção e financeira – como simultâneas

e concomitantes, mas com preponderância pendular/temporal de uma em relação às demais devido, sobretudo, as taxas de lucro. Braudel considera o capitalismo presente em parte da sociedade europeia desde o período mercantilista. Sua ênfase na esfera da circulação lhe permitiu também distinguir três níveis econômicos: o primeiro – chamado de vida material caracteriza-se pela vida comum; o segundo – o mercado, apresentado como o nível das trocas; e por fim o capitalismo – a busca do maior lucro possível. Tal distinção entre mercado e capitalismo tem como principal elemento a liberdade de ação. Enquanto a economia de mercado obedece à lei da oferta e procura; o capitalismo distingue-se exatamente pela capacidade de fugir às flutuações do mercado. O capitalismo caracteriza-se pelo arbítrio da escolha, pela formação de monopólios e outras estratégias que lhe permitem estar acima da “lei de mercado” e assim, assegurar lucros extraordinários. Ele afirma:

[...] a distinção setorial, entre o que eu chamo ‘economia’ (ou economia de mercado) e ‘capitalismo’, não me parece uma característica nova, mas uma constante da Europa, desde a Idade Média. E com esta outra diferença: é preciso acrescentar ao modelo pré-industrial um terceiro setor – o andar térreo da não economia, espécie de humo onde o mercado lança suas raízes, mas sem o prender integralmente. Este andar térreo é enorme. Acima dele, a zona mais representativa da economia de mercado [...] nela um certo automatismo liga habitualmente oferta, procura e preços. [...] acima desta camada, a zona do contramercado é o reino da esperteza e do direito do mais forte. É aí que se situa por excelência o domínio do capitalismo – ontem como hoje, antes e depois da Revolução industrial. (BRAUDEL, 1996a, p. 197).

Fernand Braudel descreve pormenorizadamente e exemplifica as diferentes estratégias capitalistas na superação das imposições do mercado. A mais visível entre todas estas estratégias está exatamente o comércio de longa distância. Neste caso as mercadorias tanto poderiam ser produtos essenciais como o trigo ou os supérfluos. Ambos significavam riscos e também lucros excepcionais. Outras estratégias garantem a lucratividade capitalista como a instrução e a informação. Contudo, a concorrência, ou melhor, a fuga dela, constitui-se numa das principais estratégias capitalistas estudadas por Braudel. E para isso os monopólios internacionais apresentam-se como o método mais promissor para os capitalistas. Obtidos na maioria das vezes pela antecipação da compra antes da colheita ou da produção, mas também ao rarefazer oportunamente a mercadoria nos mercados consumidores. Como fez, por exemplo, a Levant Company que atrasava a partida para a Turquia, vários meses e assim elevava o preço das manufaturas inglesas na Turquia e o da seda na Inglaterra. Também se destaca, entre as características capitalistas, uma grande capacidade de adaptação, o que permite manobras em busca de lucros convenientes.

Ainda, dentre várias outras contribuições de Braudel para o conhecimento histórico do capitalismo, uma muito importante, é o conceito de economia-mundo.

Esse conceito aparece inicialmente na obra *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico à época de Philipe II* (1949), para especificar o universo econômico daquela região.

Segundo Braudel, o espaço indócil perturba a organização econômica, daí a tendência do capitalismo apresentar-se desde o início organizando esse espaço, dividindo-o, hierarquizando-o. No caso do Mediterrâneo “[...] esta divisão existe, bastante visível, em todas as dimensões do mar.” Essa “economia-mundo”, é um universo em si, onde nem tudo “[...] está ordenado de maneira rigorosa e autoritária, mas desenham-se as grandes linhas de uma ordem. Assim, toda economia-mundo aceita um centro, uma região decisiva que impulsiona as outras e estabelece, só por si, a unidade que está em causa.” O Mediterrâneo do século XVI apresenta um quadrilátero urbano, formado por Veneza, Milão, Gênova e Florença, que “[...] com as suas divergências, as suas rivalidades de cidade para cidade, [tem] cada uma um peso variável [...]” (BRAUDEL, 1995a, p. 433).

Mas é na extensa trilogia *Civilização Material, Economia e Capitalismo* que ele aprofundou seus estudos sobre o capitalismo e o conceito de economia-mundo. Criado por ele, o conceito foi posteriormente estudado mais amplamente e mesmo proposto como modelo de análise por Immanuel Wallerstein. Para explicá-lo, Braudel primeiramente distingue “economia mundial” de “economia-mundo”. Aquela se refere ao mercado que se estende por todo o planeta, enquanto economia-mundo envolve apenas um fragmento dele, mas é capaz de “[...] bastar a si próprio e ao qual suas ligações e trocas internas conferem certa unidade orgânica.” (BRAUDEL, 1996b, p. 12).

Braudel analisa várias economias-mundo ao longo da história para depois apresentar suas quatro principais características: são de longa duração temporal; têm limites definidos; possuem um centro econômico; e seu espaço de atuação é hierarquizado. Segundo ele a sequência para os vários centros econômicos desde o século XVI são: Veneza, Antuérpia, Gênova, Amsterdã, Londres e Nova York. O apogeu de cada uma delas apresenta um equilíbrio frágil cujas mudanças provocam alterações profundas.

Em seguida Braudel detalha esses aspectos sempre comparando a economia-mundo a um conjunto de círculos concêntricos a partir da cidade dominante. O centro apresenta ao mesmo tempo a aptidão para os grandes negócios e uma vocação cosmopolita. Este aspecto é ilustrado pela tolerância religiosa como em Veneza e Amsterdã, onde se podiam ouvir todos os idiomas do mundo e encontrar pessoas vestidas cada qual à sua maneira, uma verdadeira “Arca de Noé”. Nestas cidades podia-se observar também uma grande diversificação social com os muito ricos reunindo-se em grandes festas e espetáculos luxuosos.

Seja Amsterdã substituindo Antuérpia, Londres sucedendo Amsterdã ou, por volta de 1929, Nova York ultrapassando Londres, a cada vez é uma enorme massa de história que muda de rumo, revelando as fragilidades do equilíbrio

anterior e as forças do que vai estabelecer-se. Podemos de antemão suspeitar que todo o círculo da economia-mundo é assim afetado e que as repercussões nunca são unicamente econômicas. (BRAUDEL, 1996b, p. 22).

Outra característica das cidades dominantes é o fato de elas serem preponderantemente marítimas. E Braudel apresenta exemplos opostos para demonstrar a importância da localização marítima, como é o caso da China e da Espanha, que ao deslocarem a capital para o interior provocaram abalos consideráveis em suas economias.

As economias-mundo apresentam também muitas diferenças. Há as especificidades de cada uma das cidades dominantes. Por exemplo, algumas concentram também poder político como Veneza, outras não têm poder político, como Antuérpia. Entretanto, o grande ponto em comum entre elas está no fato de ser o ponto de “[...] centralização e concentração dos recursos e das riquezas[...]” (BRAUDEL, 1996b, p. 26), ou seja, de acumulação.

Apesar das diferenças elas possuem em comum uma ‘estrutura’ semelhante, a hierarquia do espaço: um centro restrito, regiões secundárias bastante desenvolvidas e enormes margens exteriores. “E, obrigatoriamente, as qualidades e características da sociedade, da economia, da técnica, da cultura, da ordem política, mudam conforme nos deslocamos de uma zona para outra.” (BRAUDEL, 1996b, p. 29).<sup>3</sup>

Os obstáculos entre o centro e a zona fronteira podem ser também geográficos, humanos ou culturais; porém são certamente econômicos. Ainda hoje existe uma geografia discriminatória. As periferias, outra constante na realidade mundial, apresentam-se tanto dentro da economia-mundo, verdadeiras “manchas regionais”; como fora dela. A hegemonia do centro é obtida pelas próprias características econômicas, mas não descarta também o uso de violência.

As economias-mundo estão sujeitas à economia e às suas relações. No entanto, Braudel adverte: “Uma economia nunca está isolada. O seu território, o seu espaço são os mesmos onde se instalam e vivem outras entidades – a cultura, o social, a política – que incessantemente interferem nela para a favorecer, ou então para a contrariar.” (BRAUDEL, 1996b, p. 35).

Apenas a longa duração pode explicar a desigualdade no mundo e no jogo econômico “[...] sempre houve cartas melhores do que outras e às vezes, muitas vezes marcadas.” (BRAUDEL, 1996b, p. 39) Por fim ele conclui: “A desigualdade do mundo deriva de realidades estruturais, que demoram muito para se instalar – e demoram muito para desaparecer.” (BRAUDEL, 1996b, p. 40)

<sup>3</sup> Braudel lembra-nos de que foi exatamente esta característica que serviu a Immanuel Wallerstein para construir toda a sua obra, *The modern World-system* (1974).

Quanto ao Estado apresenta também um papel importante na economia-mundo entre os séculos XV e XVIII. Ele ainda não possui os meios para preencher todo o espaço social que lhe caberá posteriormente. Entretanto, no centro da economia-mundo aloja-se sempre um Estado forte, agressivo e privilegiado, como no caso de Veneza no século XV, da Holanda no século XVII, da Inglaterra no século XVIII.

Governo e sociedade, afinal, constituem um único conjunto, no mesmo jogo. O Estado impõe a disciplina social, garante o crédito, as liberdades mercantis, gere o fisco e se impõe no exterior. Depende, entretanto, do capitalismo. O poder é partilhado entre eles. “Nesse jogo, sem sucumbir a ele, o Estado mergulha no próprio movimento da economia-mundo. Servindo aos outros, servindo ao dinheiro, ele serve a si próprio.” (BRAUDEL, 1996b, p. 42)

Apresentados todos estes aspectos, Braudel sublinha que o modelo de economia-mundo realmente é válido na análise desde que se leve em conta os seus movimentos, pois “[...] a economia-mundo europeia mudou várias vezes de forma desde o século XIII, deslocou o seu centro, redefiniu as suas periferias.” (BRAUDEL, 1996b, p. 58). É por isso que elas devem ser entendidas no tempo tanto nos seus ritmos lentos e longos como nos seus aspectos conjunturais. Os movimentos conjunturais não são apenas econômicos, mas também políticos, demográficos e de mentalidades. Daí a importância de estudos mais profundos de cada uma das economias-mundo, para assim se analisar além do conjunto específico, também sua própria conjuntura.

Immanuel Wallerstein possui inúmeras aproximações com Braudel. O primeiro elemento importante que aproxima ambos os autores é o ponto de partida de suas análises: o chão da história. De Braudel não é necessário reiterar, o percurso feito até aqui já demonstrou sua posição. Quanto a Wallerstein, na obra *Capitalismo histórico*, não apenas no título ele expõe sua posição desde as primeiras páginas: “O que me parece urgente, uma tarefa para a qual, em certo sentido, tem se dirigido o conjunto do meu trabalho recente, é ver o capitalismo como um sistema histórico, na totalidade de sua história e na sua realidade concreta única.” (WALLERSTEIN, 1985, p. 7) e mais ainda, se propõe a “[...] tentar descrever o que o capitalismo realmente tem sido na prática, como tem funcionado como um sistema, por que se desenvolveu, e para onde se encaminha atualmente.” (WALLERSTEIN, 1985, p. 9).

Temos assim o segundo elemento de convergência: estudar o capitalismo pelo viés histórico e mais, Wallerstein também utilizou o enfoque da longa duração. “*Minha visão pessoal é que a gênese desse tipo de sistema histórico situa-se na Europa no final do século XV, que o sistema expandiu-se no espaço até abarcar o globo no final do século XIX, e que ainda hoje recobre o mundo inteiro.*” (WALLERSTEIN, 1985, p. 15). E como Braudel, ele também data o capitalismo como existindo há mais de 500 anos.

A análise do capitalismo histórico na longa duração obviamente trouxe outras e diversas convergências. Destacam-se na própria caracterização do capitalismo: a auto-expansão e o lucro maior possível como meta; a mercantilização de todos os processos econômicos: produção, distribuição e investimentos; e a formação dos monopólios. Esse último explicado por Wallerstein levando em conta a necessidade de superar a concorrência e o mercado organizado pela oferta e demanda. Para maximizar a acumulação, duas estratégias se impuseram: as coerções monopolísticas e a integração vertical dos mercados – quando a mesma firma comanda o vendedor e o comprador de um produto e, portanto, empreende uma ação recíproca entre oferta e demanda. E ele adverte “A integração vertical, assim como o monopólio ‘horizontal’, não foi exceção.” (WALLERSTEIN, 1985, p. 25). Temos assim outro elemento em comum entre os autores, a distinção entre economia de mercado e capitalismo, e a busca pela superação daquela pelos capitalistas.

Em decorrência da integração vertical, Wallerstein comenta,

Parece razoável argumentar que a integração vertical foi a norma estatística do capitalismo histórico, quando comparada com aquelas relações ‘de mercado’ nas cadeias de mercadorias em que o vendedor e o comprador são realmente distintos e antagônicos.

E mais ainda:

Seus pontos de origem foram múltiplos, mas seus pontos de destino tenderam a convergir para poucas áreas. Isso quer dizer, em nossa linguagem corrente, que tenderam a se mover das periferias para os centro ou núcleos da economia-mundo capitalista. (WALLERSTEIN, 1985, p. 25).

Braudel usa o termo “redes comerciais” para descrever essa estratégia capitalista, o que corrobora a análise de Wallerstein.

As palavras de Wallerstein já apontam para o núcleo da similaridade entre os dois autores: o conceito de economia-mundo. Ele estudou profundamente o conceito de economia-mundo e o propôs como um modelo de análise na obra *The modern World-system*, uma monumental trilogia sobre o mundo capitalista do século XVI até o XIX. Sua análise de “sistemas-mundo” é uma tentativa de ver o sistema capitalista como um todo. Para ele trata-se de um sistema unificado e altamente hierarquizado, que surgiu muito mais precocemente do que as fábricas e navios a vapor, por exemplo. O modelo de análise que Wallerstein propõe tem como destaque a divisão do mundo entre os países de centro e de periferia. Em decorrência disso constata que os países periféricos sofrem as consequências dos termos desiguais de comércio praticados pelo centro e por isso mesmo questiona a esperança dos terceiro-mundistas pela ascensão dentro do sistema.

Assim Wallerstein retoma a concepção braudeliana de hierarquia na economia-mundo: daí as posições de centro, periferia e semiperiferia dentro sistema mundial – este caracterizado pela dicotomia entre capital e trabalho e pela acumulação de capital entre agentes em concorrência, num equilíbrio sempre ameaçado por fricções internas.

O conceito de sistema-mundo é analisado também por Arienti e Filomeno (2007, p. 103):

Um sistema-mundo, como qualquer sistema social, é definido como uma unidade espaço-temporal, cujo horizonte especial é desse ‘mundo’. Sua dinâmica é movida por forças internas, e sua expansão espacial, determinada pela base econômica-material, engloba uma ou mais entidades políticas e comporta múltiplos sistemas culturais. No caso que interessa, o sistema-mundo capitalista reúne uma economia-mundo capitalista e um conjunto de Estado nacionais em um sistema interestatal com múltiplas culturas.

Esses autores reiteram que se trata, então, de uma análise na qual a “[...] auto-reprodução material e a larga abrangência espacial fazem esse tipo de sistema social parecer, em si, um ‘mundo’, no sentido de que é maior do que a jurisdição territorial de um Estado nacional, daí o nome ‘sistema-mundo’.” (Arienti e Filomeno 2007, p. 104)

Wallerstein expõe outra característica desse sistema, o crescimento desigual para cada um dos Estados partícipes e conseqüentemente a divisão entre centro e periferia do sistema. E temos assim outro elemento em comum entre ele e Braudel. O historiador francês explicitou a hierarquia a partir do centro da economia-mundo como:

[...] um encaixe, uma justaposição de zonas ligadas entre si, mas a *níveis diferentes*. Desenham-se no local três “áreas”, três categorias pelo menos: um centro restrito, regiões secundárias bastante desenvolvidas e finalmente enormes margens exteriores. [...] O centro, o “coração”, reúne tudo o que há de mais avançado e de mais diversificado. O anel seguinte só tem uma parte dessas vantagens, embora participe delas: é a zona dos “brilhantes” secundários. A imensa periferia, com os seus povoados densos, é, pelo contrário, o arcaísmo, o atraso, a exploração fácil por parte dos outros. (BRAUDEL, 1996b, p. 29).

O economista político Giovanni Arrighi (1937-2009), braudeliano assumido, identifica a necessidade do capital de organizar o processo de acumulação e de hierarquizar os demais sujeitos para garantir a si as condições privilegiadas. O processo remonta à passagem dos séculos XIV-XV e caracteriza prioritariamente a Europa, com deslocamentos tanto no aspecto geográfico como nas diferentes esferas econômicas. O conjunto do processo construiu-se num sistema mundial que a partir de ciclos consecutivos se superpuseram e garantiram a acumulação.

Arrighi constrói a sucessão de ciclos sistêmicos de acumulação – Gênova (do século XV ao início do XVII), Holanda (do fim do século XVI até grande parte do XVIII), Inglaterra (segunda metade do século XVIII e início do XX) e Estados Unidos (do fim do século XIX até hoje) –, como uma derivação da obra braudeliana e priorizando a camada superior da hierarquia econômica, ou seja, o capitalismo.

Segundo ele, a

[...] sucessão de ciclos sistêmicos de acumulação constitui, de fato, ‘uma série de elevações’, sendo cada uma resultante das atividades de um complexo particular de agentes governamentais e empresariais, dotados da capacidade de levar a expansão da economia capitalista mundial um passo além do que podiam ou queriam fazer os promotores e organizadores da expansão precedente. Cada passo adiante implica uma troca da guarda no alto comando da economia mundial capitalista e uma concomitante ‘revolução organizacional’ nos processos de acumulação de capital – uma troca da guarda e uma revolução organizacional que, historicamente, sempre ocorreram durante as fases de expansão financeira. Assim, as expansões financeiras são vistas como anunciadoras, não só da maturidade de um determinado estágio de desenvolvimento capitalista mundial, mas também do início de um novo estágio. (ARRIGHI, 1996, p. 89).

A mesma sucessão dos epicentros está na obra de Braudel, assim como a importância dos aspectos financeiros estão explícitos em suas análises.

A principal consequência desse processo é o ordenamento hierarquizado do mundo em centro e periferia, além de intermediários, cuja posição pode se modificar ao longo do tempo, mas não de forma brusca ou radical. Braudel e Wallerstein analisaram a hierarquia na economia-mundo: daí as posições de centro, periferia e semi-periferia dentro sistema. Estes autores observam, que estudos da ordem econômica exigem que se examine a relação centro-periferia, superando visões parciais e localistas, desvinculadas da própria posição que o ‘nacional’ ocupa no sistema-mundo. A divisão internacional do trabalho e do capital a partir do centro hegemônico condiciona as possibilidades dos demais membros do sistema.

A brevíssima síntese apresentada busca trazer elementos para explicar a realidade desse início de século XXI, no que tange as crises sucessivas do capitalismo e, sobretudo, da condição da periferia do sistema. Para essa concepção o lugar ocupado pelos países do ‘terceiro mundo’ não sofre alterações, apesar dos séculos de mudanças, pois a situação de periferia do sistema se perpetua. Já que o longo processo histórico do capitalismo apenas expandiu o mesmo modelo. Nas palavras de Arrighi,

Ocorre que cada um dos sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação que fizeram a fortuna do Ocidente teve como premissa a formação de blocos territorialistas-capitalistas cada vez mais poderosos, compostos de organizações governamentais e empresariais dotadas de maior capacidade

do que o bloco precedente para ampliar ou aprofundar o alcance espacial e funcional da economia capitalista. A atual situação parece ser de tal ordem que esse processo evolutivo atingiu, ou está prestes a atingir, seus limites. (ARRIGHI, 1996, p. 369).

A história do Brasil ainda é pouco estudada sob esse prisma ainda. Contudo pesquisas por esse viés podem contribuir para uma compressão mais profunda do 'lugar' do Brasil na condição de periferia do sistema capitalista. Daí nosso interesse em pensarmos a partir dessa abordagem a realidade do Brasil, pois se trata de a compreendermos necessariamente no contexto da hegemonia norte-americana e de suas crises.

Na crise de 1929, no processo de passagem da hegemonia britânica para a norte-americana, as consequências no Brasil foram vultosas e são amplamente conhecidas, cujo exemplo típico é a queima de milhares de toneladas de café e a queda do Partido Republicano do poder por meio do Golpe de 1930.

Nossa hipótese é de que naquela conjuntura o "lugar" ocupado pelo Brasil no Sistema-Mundo, exportador de produtos primários, e o tipo de crise ser aguda na relação produção/consumo de todos os tipos de produtos, ter atingido consideravelmente o setor de produtos primários inclusive o do café; auferiu ao Brasil consequências agudas e crônicas a médio prazo.

A crise de 2008 para cá teve seu epicentro no mundo financeiro e suas implicações puderam ser observadas por um longo período. Algumas notícias podem dar a dimensão dessa realidade:

No jornal Folha de São Paulo (17/09/2010), a manchete foi: *Crise leva pobreza nos EUA ao maior nível em 15 anos*, e a notícia de que

A recessão, que eliminou quase 5 milhões de empregos nos EUA em 2009, fez a taxa de pobreza americana atingir o maior nível desde 1994.

A taxa chegou no ano passado a 14,3%, 1,1 ponto percentual maior que em 2008, segundo dados do governo norte-americano. No total, 43,6 milhões de pessoas eram consideradas pobres - em 2008, 39,8 milhões estavam nessa situação.

É o terceiro ano consecutivo em que a taxa cresce, e isso significa que 1 em cada 7 norte-americanos é considerado pobre.

Para o governo dos Estados Unidos, um adulto é considerado pobre quando tem renda anual antes de impostos de até US\$ 10.830 (pouco mais de R\$ 18,6 mil). No caso de uma família de quatro pessoas, esse limite é de US\$ 21.954 (quase R\$ 40 mil).

O aumento da pobreza na maior economia mundial é um reflexo da disparada na taxa de desemprego no país.

Desde o início da recessão, em dezembro de 2007, até o fim do ano passado, 8,3 milhões de postos de trabalho deixaram de existir (4,7 milhões somente em 2009), e a taxa de desemprego nesse período dobrou, para 10% - está hoje em 9,6%.

Com esses dados se explicita a situação dos EUA, centro hegemônico do atual sistema-mundo. A crise financeira atingiu substancialmente os postos de trabalho, conseqüentemente o consumo, acentuando a crise econômica.

E o Brasil? Algumas manchetes e notícias do jornal Folha de São Paulo nos darão informações.

### **1. Criação de vagas formais no ano é recorde (17/09/2010)**

ENTRE JANEIRO E AGOSTO, FOI CRIADO 1,95 MILHÃO DE POSTOS DE TRABALHO

RESULTADO DE 2010 SUPERA O DE IGUAL PERÍODO DE 2008, QUE ERA RECORDE DA SÉRIE INICIADA EM 1991

### **2. Economia volta a se acelerar no 3º tri (03/09/2010)**

RETOMADA OCORRE APÓS DESACELERAÇÃO NO 2º TRIMESTRE, DADO QUE SAI HOJE; NO ANO, CRESCIMENTO DEVE FICAR EM 7%

INDICADORES COMO VENDAS DE VEÍCULOS E PRODUÇÃO INDUSTRIAL MOSTRAM RECUPERAÇÃO ÀS VÉSPERAS DA ELEIÇÃO

### **3. Produção da indústria volta a crescer (01/09/2010)**

EM JULHO, SEGUNDO O IBGE, A EXPANSÃO FOI DE 0,4% EM RELAÇÃO A JUNHO; DADO INTERROMPE SEQUÊNCIA DE QUEDAS

RESULTADO REFORÇA A EXPECTATIVA DE UMA RETOMADA DA ACELERAÇÃO DA ECONOMIA DO PAÍS NO TERCEIRO TRIMESTRE

### **4. PIB cresce 8,9% no primeiro semestre (04/09/2010)**

ALTA NO 2º TRI É DE 1,2% EM RELAÇÃO AO 1º, CONFIRMANDO DESACELERAÇÃO; AUMENTA NECESSIDADE DE FINANCIAMENTO EXTERNO

AVANÇO DE INVESTIMENTO E CONSUMO PERDE RITMO, MAS GASTO PÚBLICO PASSA DE 0,8% PARA 2,1% NA COMPOSIÇÃO DO PIB

Diante dessas notícias uma pergunta nos inquieta: por que o Brasil sofreu uma baixa contaminação da crise que assolou e ainda está presente no epicentro econômico mundial e outras regiões?

A resposta deve ser buscada em dois níveis diferentes: interno e externo. Quanto ao primeiro os fatos são bem conhecidos, houve uma intervenção rápida do governo brasileiro: o Banco Central ao perceber o tamanho do problema tomou

medidas rapidamente, como aumento dos juros e leilões de dólares com diminuição da garantia compulsória. Essas medidas somente foram possíveis pelo fato de o país ter uma regulação mais rigorosa<sup>4</sup>; e também porque no governo Lula, o país acumulou muitas reservas, o que permitiu ao Banco Central pode usá-las para fazer um ‘colchão’ para amortecer a crise.

Ao mesmo tempo as medidas de investimento governamental no setor da construção civil, aliada a redução de impostos, maior oferta de crédito, e investimento em programas sociais resultaram no crescimento do consumo, todas elas aqueceram a economia e resultaram nos dados que citamos anteriormente.

Mas é da relação com a economia mundial que se deve enfatizar essa análise. Ou seja, observar o lugar do Brasil em relação ao centro da crise. A hipótese que desejamos levantar é a de que o fato de o Brasil ter baixa inserção no mercado financeiro internacional, dada sua situação periférica ou semi periférica (para acalmar nosso patriotismo nacionalista) o manteve na condição de um certo distanciamento do epicentro da crise mais profunda.

Assim, mais uma vez, o lugar ocupado pelo Brasil na economia-mundo condicionou as consequências da crise mundial. Nossa hipótese é de que o fato de o Brasil não possuir estreita ligação com a esfera financeira, nódulo da crise atual, o ‘protegeu’ de uma contaminação mais severa.

Assim, a sua condição periférica ao sistema lhe foi benéfica. Isso somado aos esforços internos – apontados acima – e a permanência de juros altos e atrativos aos sobreviventes no mercado financeiro internacional, resultaram no saldo que ora conhecemos.

## REFERÊNCIAS

ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. Economia Política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 99-126, jul. 2007.

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX: dinheiro, poder, e as origens de nosso tempo*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BILENKY, Thais. Criação de vagas formais no ano é recorde. Folha de São Paulo, São Paulo, 17/09/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1709201012.htm>>. Acesso em: 17 set. 2010.

---

<sup>4</sup> Como consequência da experiência durante a crise dos anos 90, houve um esforço para maior rigor na capacidade de regulação.

BRAUDEL, Fernand. *Reflexões sobre a história*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II*. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995a. 2 v.

\_\_\_\_\_. *Civilização material, economia e capitalismo: séculos XV – XVIII*. Tradução: Telma Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1995b (v. 1), 1996a (v. 2), 1996b (v. 3).

CANZIAN, Fernando; FORNETTI, Verena. PIB cresce 8,9% no primeiro semestre. Folha de São Paulo, São Paulo, 04/09/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0409201002.htm>>. Acesso em: 17 set. 2010.

FSP. Crise leva pobreza nos EUA ao maior nível em 15 anos. Folha de São Paulo, São Paulo, 17/09/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me1709201025.htm>>. Acesso em: 17 set. 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. *O Capitalismo histórico*. Tradução de: Denise Bottmann. São Paulo: Brasiliense, 1985.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo: séculos XV – XVIII*. Tradução: Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa: Edições Cosmos, 1970.

\_\_\_\_\_. *A dinâmica do capitalismo*. Tradução: Carlos da Veiga Ferreira. Lisboa: Teorema, 1985.

FORNETTI, Verena. Economia volta a se acelerar no 3º tri. Folha de São Paulo, São Paulo, 03/09/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0309201014.htm>>. Acesso em: 17 set. 2010.

\_\_\_\_\_. Produção da indústria volta a crescer. Folha de São Paulo, São Paulo, 01/09/2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0109201015.htm>>. Acesso em: 17 set. 2010.